

Complicações Urológicas Pós-Transplante Renal

– Tratamento Endoscópico das Estenoses do Ureter

Frederico Teves; Fábio Escórcio de Almeida; Fernando Vila; Frederico Branco; Luis Osório; Manuel Oliveira; Vítor Cavadas; José Soares; Filinto Marcelo

Hospital Santo António

Correspondência: fred.teves@sapo.pt

Introdução

As complicações Urológicas pós-transplante variam entre os 4-8%, sendo a Estenose do Ureter a complicação mais frequente (2-7,5%).

A abordagem das complicações ureterais após o transplante renal pode ser realizada por via endoscópica, percutânea ou cirúrgica.

O objectivo deste estudo foi o determinar a taxa de sucesso das terapêuticas endoscópicas e percutâneas no tratamento destas complicações.

Material e Métodos

Estudo retrospectivo dos doentes submetidos a transplante renal no HGSA desde Janeiro de 2002, e que por diagnóstico clínico e/ou imagiológico de Estenose do Ureter foram submetidos a tratamento endoscópico, percutâneo ou cirúrgico.

Resultados

Desde 2002 foram realizados no HGSA 575 transplantes renais.

Destes foram avaliados 24 doentes, 83% homens, com idade média de $43,9 \pm 15$ anos, com diagnóstico de Estenose do Ureter, o que corresponde a 4,17% de complicações. 20 das estenoses situavam-se ao nível da junção uretero-vesical.

A manifestação clínica mais frequente foi a de IRA associado a hidronefrose do enxerto renal, em média $19,75 \pm 24,5$ meses (entre 1 e 72 meses) pós-transplante.

Em 19 doentes foi realizado tratamento endoscópico, enquanto nos restantes decidiu-se por abordagem cirúrgica inicial. 79% dos tratamentos endoscópicos consistiu na dilatação da estenose com balão e 21% na colocação via anterógrada de cateter ureteral.

O sucesso das terapêuticas endoscópicas rondou os 53%.

Perante uma recidiva do tratamento endoscópico a resolução foi sempre cirúrgica.

Conclusões

As complicações Urológicas pós-transplante variam entre os 4-8%, sendo a Estenose do Ureter a complicação mais frequente (2-7,5%), sendo que neste estudo foi de 4,17%.

De acordo com a literatura internacional a maioria das estenoses ureterais surgem no 1º ano pós-transplante, mais precisamente nos primeiros três meses e em 2/3 dos casos atinge o ureter terminal, dados que se confirmam neste trabalho, com a maioria das complicações a surgirem nos primeiros $19,75 \pm 24,5$ meses (entre o 1º mês e o 72º mês), e em 83% dos casos ao nível da JUV.

Na nossa instituição a abordagem terapêutica inicial de preferência é a endoscópica, realizada em 79% dos doentes, com uma taxa de sucesso de 53%, sobreponível às várias séries publicadas.

Com os dados apresentados pode-se afirmar que na Estenose Ureteral pós-transplante renal a abordagem endoscópica inicial, nos casos seleccionados, é segura e eficaz.